

## ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Mirella Torres Pereira da Silva de Souza <sup>1</sup>

Marcella Thaiane de Lima Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias de ensino utilizadas para promover a inclusão de alunos com deficiência intelectual nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O referencial teórico foi estruturado a partir de três categorias centrais: deficiência intelectual, inclusão escolar e práticas pedagógicas inclusivas. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada, e foi adotada uma abordagem qualitativa, e o instrumento de coleta utilizado foram entrevistas semiestruturadas onde foram selecionadas cinco professoras. Os resultados revelaram que as docentes reconhecem as especificidades dos alunos com deficiência intelectual, compreendendo características como o ritmo de aprendizagem mais lento, dificuldades com conteúdos abstratos e necessidades relacionadas aos problemas de socialização e interação. As estratégias de ensino apontadas pelas participantes incluem o uso de planos individualizados, atividades concretas, recursos lúdicos e adaptações contínuas, com o objetivo de tornar a aprendizagem mais acessível e significativa. A análise dos dados, fundamentada na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2006), possibilitou a organização das informações em categorias temáticas que evidenciam tanto os desafios enfrentados cotidianamente pelas docentes, como a falta de apoio familiar e institucional quanto os encantos da prática docente, especialmente ao observar os avanços e conquistas dos alunos. Concluímos que a inclusão efetiva de alunos com deficiência intelectual depende diretamente do comprometimento dos educadores, das estratégias utilizadas em sala de aula e do suporte oferecido pela instituição escolar.

**Palavras-chave:** Deficiência Intelectual, Estratégias de Ensino, Ensino Fundamental.

### INTRODUÇÃO

O interesse em investigar as estratégias de ensino para alunos com deficiência intelectual surge da experiência como professora auxiliar em uma instituição privada. Nesse contexto, tive a oportunidade de acompanhar diariamente estudantes com deficiência intelectual, o que nos permitiu observar, em diversas ocasiões, os desafios que alguns deles enfrentavam no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, durante a formação no curso de Pedagogia, foi frequente o contato com estudantes com deficiência intelectual no âmbito das atividades de estágio.

A escolha de focar em estudantes com deficiência intelectual justifica-se pela relevância e urgência em compreender as estratégias de ensino que promovem a inclusão

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, professora efetiva da Educação Básica e Educação Superior [marcellalimas2@gmail.com](mailto:marcellalimas2@gmail.com);



desse público de estudantes regularmente matriculados no ensino fundamental. A produção científica acerca das estratégias de ensino para alunos com deficiência intelectual ainda é tímida, mas, é uma temática de grande relevância no contexto educacional contemporâneo. A fim de melhor compreender sobre esse debate, realizamos uma breve revisão sistemática de literatura.

Para a realização deste levantamento, recorreremos às publicações disponíveis no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, adotando como critério de inclusão os trabalhos que apresentassem em seus títulos a expressão "estratégias de ensino para alunos com deficiência intelectual". Recorreremos a tal banco de pesquisa, pois, ele permite o acesso aos trabalhos na íntegra.

No total, foi possível identificar dezoito estudos relevantes ao longo dos últimos anos. Dentre esses, seis estudos alinham-se mais estreitamente ao escopo desta pesquisa, oferecendo contribuições significativas para a compreensão das práticas pedagógicas voltadas à inclusão de alunos com deficiência intelectual.

No conjunto das produções localizadas, chamamos atenção para os seguintes: Soares (2007), Lopes (2010), Mieto(2010), Braun(2012) e Freitas (2012). Esses trabalhos constituem uma base sólida para o desenvolvimento de novas abordagens e estratégias educacionais, favorecendo a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e eficaz.

De modo geral, os estudos localizados que versaram sobre o nosso objeto de pesquisa, nos ajudaram a compreender que esses trabalhos têm revelado a consideração de aspectos fundamentais, tais como a abordagem direta de estratégias de ensino e aprendizagem que visam facilitar a compreensão e a participação ativa dos alunos com deficiência intelectual. Ademais, constatamos que muitos dos estudos analisam a questão das adaptações curriculares, elemento essencial para a promoção da inclusão escolar, enfatizando a necessidade de adequações que atendam às especificidades individuais dos estudantes.

## **Deficiência Intelectual**

Para uma compreensão aprofundada do tema a ser discutido, é essencial entender o conceito de deficiência intelectual e suas implicações nos contextos educacionais.



Inicialmente, é importante definir o que é deficiência intelectual e, em seguida, caracterizar os aspectos que constituem esse conceito.

A deficiência intelectual (DI) é uma condição de desenvolvimento que se caracteriza por limitações significativas no funcionamento intelectual e na adaptação a situações cotidianas. De acordo com a American Psychiatric Association (APA, 2024), a deficiência intelectual é definida como um transtorno do desenvolvimento que afeta tanto a capacidade intelectual quanto a capacidade adaptativa do indivíduo. A Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) complementa essa definição ao especificar que a DI se manifesta em diferentes graus e está associada a limitações nas habilidades cognitivas, sociais e de comunicação.

Dessa forma, a deficiência intelectual é uma condição multifacetada que afeta diversos aspectos da vida do indivíduo. A compreensão da DI, conforme as definições e classificações da APA e da CID-10, é fundamental para oferecer suporte adequado e promover a inclusão. Intervenções apropriadas e uma abordagem abrangente são fundamentais para ajudar os indivíduos a alcançar seu potencial máximo e ter uma vida plena e satisfatória.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a abordagem qualitativa é de natureza interpretativa e busca analisar os fenômenos em seus contextos naturais, a partir dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos envolvidos. Essa escolha metodológica possibilita uma investigação aprofundada das práticas pedagógicas, contribuindo para a compreensão da realidade educacional vivenciada pelos docentes.

O campo empírico da pesquisa foi uma escola privada localizada no município do Recife, especificamente no bairro do Rosarinho, zona norte da cidade do Recife. Ressalta-se que a pesquisadora já atuou na referida instituição na função de professora auxiliar, o que favoreceu a aproximação com a realidade escolar. Antes da coleta de dados, realizamos um contato com a equipe gestora da escola para apresentação formal dos objetivos da pesquisa e, mediante anuência, foi solicitado à coordenação pedagógica que indicasse possíveis participantes, priorizando professores com experiência no atendimento a estudantes com deficiência intelectual. A seleção dos participantes foi realizada com base em critérios específicos: atuar ou ter atuado como docente de alunos com deficiência intelectual no ensino fundamental. A amostra foi composta por cinco



professoras. A escolha por esse público justifica-se pela experiência prática dos docentes na implementação de estratégias de ensino inclusivas. Nas linhas seguintes caracterizamos as professoras participantes, eis o quadro:

Para preservar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios: Professora Camila, Professora Larissa, Professora Helena, Professora Beatriz e Professora Juliana. As participantes apresentam formação em Pedagogia, sendo a maioria com especialização em Psicopedagogia ou Educação Especial. O tempo de atuação docente varia entre cinco e trinta e cinco anos, o que contribui para uma análise rica e plural das estratégias utilizadas com alunos com deficiência intelectual. Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 222), “ a entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Adotamos a entrevista semiestruturada, conforme propõe Manzini (2004), utilizando um roteiro previamente elaborado com questões, o que possibilita flexibilidade ao entrevistador e liberdade ao entrevistado para expressar suas experiências. Ainda segundo a autora: “[...] está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...] esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas” (MANZINI, 2004, p. 2, apud MANZINI, 1990/1991, p. 154).

As entrevistas foram gravadas, mediante autorização das participantes, e posteriormente transcritas para análise. Para a análise dos dados obtidos, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2006). Essa técnica permite identificar padrões, temas e categorias emergentes nas falas dos participantes. O processo foi estruturado em três etapas: pré-análise, com leitura e organização do material; exploração do material, com codificação e categorização; e tratamento e interpretação dos resultados, com base no referencial teórico da pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Antes de nos aprofundarmos na compreensão do conceito de inclusão escolar, é essencial esclarecer o que não deve ser considerado como inclusão. Observa-se frequentemente uma confusão entre os conceitos de inclusão e integração. Enquanto a



inclusão se fundamenta no princípio da educação para todos, a integração se limita essencialmente à matrícula de crianças com deficiência nas instituições de ensino.

A inclusão vai além da simples presença física dos alunos nas instituições educacionais; ela exige o engajamento ativo e o empenho de toda a comunidade escolar. É imperativo que haja um esforço colaborativo para garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou deficiências, possam participar efetivamente e ter acesso a oportunidades de aprendizado equitativas.

A educação inclusiva exige o atendimento de necessidades especiais, não apenas dos portadores de deficiências, mas de todas as crianças. Implica trabalhar com a diversidade, de forma interativa - escola e setores sensíveis. Deve estar orientada para o acolhimento, aceitação, esforço coletivo e equiparação de oportunidades de desenvolvimento. Requer que as crianças portadoras de necessidades especiais saiam da exclusão e participem de classes comuns. Para isso, é necessário um diagnóstico cuidadoso que levante as necessidades específicas de cada criança" (SCOTTO, 2008, p. 10)

A inclusão escolar deve promover não apenas a presença dos alunos com deficiência nas instituições de ensino, mas também garantir que esses alunos tenham o direito à escolarização, conforme estabelecido pela legislação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) assegura que "o atendimento educacional especializado deve ser oferecido preferencialmente na rede regular de ensino" (BRASIL, 1996). Isso implica que os alunos com deficiência não devem apenas estar matriculados na escola, mas também participar ativamente da vida escolar e ter acesso ao conhecimento de maneira equitativa.

Para garantir que a inclusão escolar seja efetiva, é fundamental superar as barreiras atitudinais. Barreiras atitudinais podem ser definidas como "atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas" (BRASIL, 2015, Art. 3º, IV-e). Tais barreiras manifestam-se de diversas formas, abrangendo desde preconceitos explícitos até atitudes mais sutis que dificultam a plena inclusão social dos indivíduos com deficiência.

Essas barreiras referem-se a atitudes ou comportamentos que obstruem ou comprometem a plena participação social das pessoas com deficiência, limitando suas oportunidades e condições de igualdade em relação aos demais indivíduos. Tais barreiras frequentemente se manifestam por meio de preconceitos, estigmas e uma compreensão



inadequada das capacidades e direitos dos indivíduos com deficiência. Como consequência, essas atitudes resultam em exclusão social e em restrições no acesso a recursos e oportunidades (BRASIL, 2015)

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para compreender melhor os dados coletados nas entrevistas, optamos por utilizar a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2006). Essa escolha se deu pela possibilidade de organizar e interpretar os relatos das professoras de forma sistemática, mas também sensível às nuances e particularidades que emergiram das falas. A autora define essa técnica como um conjunto de procedimentos que busca, a partir do conteúdo das mensagens, identificar significados e inferir compreensões mais profundas sobre o fenômeno estudado.

A partir da leitura cuidadosa dos depoimentos, identificamos três categorias temáticas, que nos ajudaram a organizar e discutir os principais achados da pesquisa, eis as categorias a seguir: a) A Perspectiva das Professoras sobre Alunos com Deficiência Intelectual b) As estratégias de ensino utilizadas com esses alunos; c) O trabalho docente diante dos desafios e encantos da inclusão.

### **1. A Perspectiva das Professoras sobre Alunos com Deficiência Intelectual**

Nesta primeira categoria, reunimos um conjunto de depoimentos onde as professoras entrevistadas relataram que os alunos com deficiência intelectual apresentam um ritmo de aprendizagem mais lento e dificuldades na compreensão de conteúdos abstratos e por vezes acabam apresentando regressos no quesito de assimilação de conteúdo. Essa realidade sinalizada se aproxima do que está posto na literatura. Grillo (2007, p 144) aponta que esse percurso de aprendizagem não se dá de forma linear, e que “as oscilações frequentes podem ser confundidas com regressos, o que demonstra a fragilidade de nossa concepção de progresso”. Eis os trechos de fala a seguir: “...noto que eles têm dificuldade para entender conceitos abstratos ou metáforas... “ Professora Larissa. “...percebo dificuldades de aprendizagem, atrasos na motricidade e na fala, além de dificuldades na socialização...” Professora Juliana. “...além de não acompanharem os conteúdos e atividades que as demais crianças realizam, percebo uma falta de interação durante as aulas, algo que acontece com frequência entre muitos alunos...” Professora Camila. “Na





minha percepção, uma das características mais marcantes é a lentidão na compreensão dos conteúdos abordados.

Além disso, o desempenho intelectual geralmente está abaixo da média esperada para a idade.” Professora Helena. Diante das falas acima, destacamos que a professora Larissa enfatizou a necessidade de trabalhar com exemplos concretos, pois metáforas e conceitos mais complexos não são facilmente assimilados. Já a professora Juliana observou atrasos na fala, na motricidade e dificuldades na motricidade e na socialização. No tocante à professora Camila, ela destacou a pouca interação dos alunos com os colegas e com as atividades propostas em grupos. A professora Helena mencionou que o desempenho intelectual desses alunos, muitas vezes, está abaixo da média para a idade.

Em linhas gerais, as professoras reconhecem que os alunos com deficiência intelectual têm o ritmo de aprendizagem diferenciado e todas as entrevistadas reforçam que esses alunos são capazes de aprender e de evoluir, desde que recebam o suporte adequado e tenham o seu tempo de aprendizagem respeitado. O olhar das professoras, portanto, vai além da limitação, valorizando a individualidade e o potencial de cada criança.

## **2. As estratégias de ensino para alunos com deficiência intelectual**

Nesta categoria elencamos um conjunto de estratégias de ensino mencionadas pelas professoras. As estratégias adotadas são marcadas por adaptações constantes e pelo esforço em tornar o ensino mais acessível e significativo. A professora Helena relatou que utiliza planos individualizados para alunos com deficiência intelectual, respeitando a autonomia, as dificuldades e as potencialidades de cada aluno.

Esses planos envolvem atividades que podem ser realizadas com ou sem mediação, além de desafios graduais. “ O aluno com deficiência intelectual precisa de um plano individualizado que respeite sua autonomia, individualidade e limitações. Nesse plano, são definidos os conteúdos a serem trabalhados de acordo com suas dificuldades e potencialidades, além das atividades e desafios que ele pode enfrentar gradativamente. ” Professora Helena. “Aposto na ludicidade! Acredito que um dos principais objetivos ao trabalhar com alunos com deficiência intelectual é integrá-los ao grupo e garantir que se sintam parte do contexto escolar. Muitas vezes, a inclusão não acontece de forma completa, e precisamos atuar para mudar isso.” Professora Juliana. Já a professora Juliana tem adotado a ludicidade como uma estratégia de ensino para esses alunos.



Juliana aposta na ludicidade como forma de integração e aprendizagem, acreditando que fazer o aluno se sentir parte do grupo é um passo essencial para o sucesso escolar, o que está em consonância com Grillo (2007, p. 33), que destaca a importância de propor “brincadeiras de faz-de-conta, músicas, dramatizações, modelagem, jogos de construção” como caminhos para tornar o ensino mais significativo e acessível. A realidade relatada pela professora Juliana, que ao adotar a ludicidade como uma estratégia de ensino, aproxima-se com a literatura proposta por Cruz e Cavalcante (2024).

De acordo com esses autores o trabalho com alunos com deficiência intelectual deve ser permeado por estratégias que valorizem a linguagem, a ludicidade, o uso de materiais concretos e a mediação individualizada. Sobre a professora Larissa, ela utiliza atividades práticas e manipulativas, conectadas com as vivências dos alunos, Ela também realiza registros constantes dos avanços para planejar suas ações. Eis o que revela a fala a seguir: “Prefiro atividades práticas que considerem as vivências do aluno. Atividades que envolvem manipulação e experiências concretas são muito mais eficazes. Também faço registros dos avanços e das dificuldades para ajustar o planejamento conforme necessário. “ Professora Larissa.

Já as professoras Camila e Beatriz buscam adotar estratégias de ensino que sejam significativas para a vida do aluno e demonstram ter o cuidado de dedicar uma atenção individual para aqueles que têm uma maior dificuldade. Eis as falas das professoras. “Se noto que um aluno não conseguiu se concentrar durante a aula em grupo, ao final, realizo a leitura individualmente com ele para garantir a compreensão. Dessa forma, adapto tanto a linguagem quanto a metodologia, o que facilita o processo de aprendizagem.” Professora Camila. “...Uso diferentes abordagens, como jogos, atividades escritas, orais e também trabalhos em grupo. O importante é sempre buscar a melhor forma de garantir que eles aprendam de maneira significativa.” Professora Beatriz.

Pelos trechos de entrevistas acima percebemos que a professora Camila realiza adaptações na linguagem e no conteúdo, ajustando suas intervenções de acordo com a resposta do aluno, como, por exemplo, realizar leitura individual ao final da aula quando percebe que o aluno não conseguiu se concentrar em grupo. A professora Beatriz por sua vez destaca o uso de jogos, atividades em grupos e orais, além da observação cuidadosa





como base para o planejamento. Em síntese nesta categoria percebemos que todas demonstram que o trabalho pedagógico com alunos com deficiência intelectual exige flexibilidades, criatividade e atenção contínua às necessidades de cada criança. Como ressalta Grillo (2007, p. 35), é fundamental “selecionar atividades e materias que proporcionem a construção do conhecimento de acordo com a avaliação constante do progresso dos alunos”.

### **3. O trabalho docente frente às agruras e delícias da prática educativa**

Nesta categoria elencamos aspectos ligados àquilo que tem dado satisfação e insatisfação no processo de ensino de alunos com deficiência intelectual. Os elementos que expressam aspectos positivos foram tomados como "delícias" e os desafios foram intitulados de "agruras". Sobre as delícias as professoras trazem à tona em suas falas: a realização sentida quando os alunos gostam de suas aulas e aprendem os conteúdos.

Os trechos, abaixo, se relacionam às delícias: “...vibrar com cada nova conquista dos alunos! É muito gratificante ver que nosso trabalho dá certo e que sempre vale a pena garantir a participação de todos no processo de aprendizagem.” Professora Juliana. “Sinto uma enorme satisfação em ver os avanços dos alunos, especialmente quando eles reconhecem suas dificuldades e, mesmo assim, conseguem compreender o conteúdo ou realizar uma atividade. A realização e o engajamento deles, mesmo que os progressos sejam graduais, me motivam bastante.” Professora Camila. “O mais gratificante é perceber a evolução deles depois que as adaptações são feitas. É muito bom ver como eles conseguem se desenvolver quando recebem o suporte adequado.” Professora Beatriz. “O que mais me anima é o carinho e a espontaneidade deles.

Cada um tem seu ritmo, e ver mesmo um progresso lento e o desenvolvimento da autonomia de cada um é extremamente gratificante.” Professora Larissa. O trabalho com alunos com deficiência intelectual é descrito pelas professoras como um caminho repleto de desafios, mas também de muitas recompensas. As entrevistas relataram grande satisfação em acompanhar o progresso dos alunos mesmo quando os avanços acontecem de forma lenta e gradual. A professora Juliana destacou com entusiasmo sobre a alegria em vibrar com cada conquista de seus estudantes, enquanto a professora Camila se mostrou emocionada ao relatar momentos em que os alunos reconhecem suas dificuldades e ainda assim, conseguem avançar. Beatriz afirmou que ver os alunos se desenvolverem após as adaptações é um dos aspectos mais gratificantes da profissão. Para



Larissa, o que mais a encanta é o carinho e a espontaneidade das crianças com deficiência intelectual. Além das delícias, as professoras também sinalizaram os desafios, sinalizados nas falas a seguir: “Um grande desafio é a falta de recursos e o apoio insuficiente das famílias. Muitas vezes, os alunos precisam de estímulos contínuos e, sem isso em casa, o progresso fica mais difícil.

Além disso, equilibrar os diferentes ritmos de aprendizagem na mesma sala é bem complicado.” Professora Larissa “Um dos desafios mais difíceis é lidar com famílias que não aceitam a realidade da criança. Muitas vezes, os pais não querem enxergar as dificuldades que o filho enfrenta, e isso dificulta o nosso trabalho, pois a colaboração da família é essencial para o desenvolvimento do aluno. “ Professora Beatriz Os dados coletados sinalizam que os desafios são significativos. A falta de apoio e aceitação da família foi apontada por mais de uma professora como um dos principais obstáculos. Sem estímulo fora da escola, os alunos tendem a ter mais dificuldades para avançar. A professora Helena relatou a frustração quando, mesmo com planejamento e dedicação, o aluno não responde como esperado, revelando que a prática docente nesse contexto exige resiliência e constante reinvenção. “O que pode ser desanimador é quando, mesmo planejando novas estratégias para determinado conteúdo, o aluno não responde da maneira esperada. Trabalhar com alunos com deficiência intelectual é um processo de avanços e retrocessos: em algumas áreas, vemos progresso, mas em outras pode haver estagnação ou até regressão.” Professora Helena “O desafio maior está na discrepância entre o planejamento da aula e os avanços esperados dos alunos. Muitas vezes, mesmo com um planejamento bem elaborado, os progressos não ocorrem como imaginado, o que pode ser desanimador. Contudo, essa situação também me impulsiona a buscar novas estratégias e adaptações para atender melhor às necessidades individuais.” Professora Camila. “Isso exige muita dedicação, pois adaptar o ensino demanda tempo, planejamento e atualização constante das estratégias.” Professora Helena. Embora nenhuma professora tenha trazido explicitamente a falta de tempo como desafio, é possível perceber, nas entrelinhas, que a prática inclusiva demanda muito tempo e energia para ser realizada com qualidade, o que pode ser um ponto de tensão no cotidiano docente. professora Helena mencionou que adaptar o ensino demanda tempo, planejamento e atualização constante das estratégias, o que indiretamente aponta para o investimento de tempo e dedicação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Este trabalho teve como objetivo analisar as estratégias de ensino utilizadas por professores para promover a inclusão de alunos com deficiência intelectual no Ensino Fundamental, com base em entrevistas realizadas com docentes atuantes em uma escola da rede privada de Recife. Por meio de uma abordagem qualitativa, foi possível compreender os desafios enfrentados no cotidiano escolar, bem como identificar as estratégias de ensino que contribuem para o processo de aprendizagem desses alunos.

Os resultados apresentados na primeira categoria sinalizaram que as professoras reconhecem as especificidades dos alunos com deficiência intelectual, como o ritmo de aprendizagem mais lento, as dificuldades com conteúdos abstratos e eventuais retrocessos no processo de assimilação. Os resultados da segunda categoria revelaram que as professoras utilizam diversas estratégias para tornar o ensino mais acessível e significativo, como planos individualizados, atividades práticas e manipulativas, recursos lúdicos, ludicidade, adaptações constantes e acompanhamento próximo ao progresso de cada aluno. Na terceira e última categoria, a partir das falas das professoras entrevistadas, constatou-se que, embora existam obstáculos como a falta de recursos, o pouco envolvimento de algumas famílias e as dificuldades de aprendizagem mais acentuadas, há também um grande empenho dos educadores em adaptar conteúdos, utilizar recursos lúdicos e estratégias diferenciadas para garantir a participação dos alunos com deficiência intelectual nas atividades escolares.

## REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. Processo de inclusão é um processo de aprendizado. CRE Mario Covas/SEE-SP. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ees\\_a.php?t=002](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ees_a.php?t=002). Acesso em: 08 set. 2024. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. O que é deficiência intelectual? Disponível em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/intellectual-disability/what-is-intellectual-disability>. Acesso em: 05 set. 2024.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006. BRAUN, Patricia. Intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência intelectual. Dissertação (Mestrado em Educação), 2012. BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB\\_7ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf). Acesso em: 08 set. 2024. BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em:



[https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei\\_brasileira\\_inclusao\\_\\_pessoa\\_\\_deficiencia.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao__pessoa__deficiencia.pdf).  
 Acesso em: 05 out. 2024. CRUZ, Ozilene; CAVALCANTE, Vanesca Ferreira. Alfabetização e letramento de crianças com deficiência intelectual: caminhos possíveis. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2024. (Coleção Educação e Diversidade, v. 2). DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

D i s p o n í v e l e m :  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7895700/mod\\_resource/content/1/2006\\_Denzin\\_planejamento%20da%20pesquisa%20qualitativa.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7895700/mod_resource/content/1/2006_Denzin_planejamento%20da%20pesquisa%20qualitativa.pdf). Acesso em: 15 set. 2024. FREITAS, Maria Clara de. Construção de um programa de ensino de pré-requisitos de leitura e escrita para pessoas com deficiência intelectual. Dissertação (Mestrado em Educação), 2012. LOPES, Esther. Adequação Curricular: um caminho para a inclusão do aluno com deficiência intelectual. Dissertação (Mestrado em Educação), 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003. MIETO, Gabriela Souza de Melo. Virtuosidade em Professores de Inclusão Escolar de Crianças com Deficiência Intelectual. Dissertação (Mestrado em Educação), 2010. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/icd/en/>. Acesso em: 5 set. 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Atualizações semânticas na inclusão de pessoas: deficiência mental ou intelectual? doença ou transtorno mental? Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano IX, n. 43, p. 9-10, mar./abr. 2005. SCOTTO, Arlete. A inclusão escolar na rede de ensino estadual. 2008. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent\\_a.php?t=004](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=004). Acesso em: 05 set. 2024.

SOARES, Juliene Erika Moreira. Qualidade de vida de crianças com deficiência intelectual no contexto da inclusão escolar. Dissertação (Mestrado em Educação), 2007. SOMALI, World Health Organization. Classificação Internacional de Doenças – CID-11: 11ª edição. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/icd/en/>. Acesso em: 03 jan. 2025. TOMLINSON, Carol Ann. How to differentiate instruction in mixed-ability classrooms. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education, 2001. UNESCO. Manual para garantir inclusão e equidade na educação. Assistant Director-General for Education, 2010-2018. 2019. Disponível em: <https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2020/10/2019-Manual-para-garantir-a-inclusao-e-equidade-na-educacao.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

